

OS RASTROS DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE NO CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO

Ana Carolina Stakonski¹
Ivone Maria Mendes Silva²

Resumo: Este artigo analisa versões do conto “Chapeuzinho Vermelho” escritas por Perrault e pelos irmãos Grimm, buscando compreender como elas (re)produzem formas de governo dos sujeitos infantis e de sua sexualidade. A partir de um referencial teórico-crítico foucaultiano, são construídas reflexões sobre os discursos hegemônicos de determinada época e suas vinculações a um projeto pedagógico que demonstra a necessidade moderna de governmentação dos corpos e das condutas dos sujeitos. O trabalho também recorre à premissa de Robert Darnton de que os contos populares podem ser analisados como documentos históricos. Conclui-se que o conto analisado incita disciplina e obediência, (re)produzindo uma ideia de infância moderna articulada ao dispositivo de sexualidade.

Palavras-chave: contos de fada, infância, governamentalidade, dispositivo de sexualidade.

The traces of the dispositive of sexuality in the tale little red riding hood

Abstract: This article analyzes the versions of the tale Little Red Riding Hood written by Perrault and the Brothers Grimm, seeking to understand how they (re)produce forms of government for child subjects and their sexuality. From a Foucauldian framework, reflections are built on the hegemonic discourses of a given time and their links to a pedagogical project that demonstrates the modern need for governing the bodies and conduct of the subjects. The work also uses Robert Darnton's premise that popular tales can be analyzed as historical documents. It is concluded that the analyzed story incites discipline and obedience, (re)producing an idea of modern childhood articulated to the sexuality device.

Keywords: Fairy tales, Childhood, Governmentality, Sexuality device.

INTRODUÇÃO

Existem diferentes versões do conto “Chapeuzinho Vermelho”, e cada qual é adaptada conforme os discursos hegemônicos e a realidade de cada contexto. Em algumas versões a menina é salva; em outras, vira comida de lobo. Ainda assim, todas essas histórias são a conhecida “Chapeuzinho Vermelho”, apesar de apresentarem diferenças entre si.

1 Universidade Federal da Fronteira Sul (nina_stakonski@hotmail.com)

2 Universidade Federal da Fronteira Sul (ivonenmlds@gmail.com)

Nessas diferentes versões, os sentidos do conto são deslocados para a veiculação dos discursos considerados legítimos do contexto de cada época. Fazem parte de um campo discursivo, constituído para normalizar as maneiras de lidar com a sexualidade das crianças. Isso quer dizer que a literatura não cumpre o papel de apenas veicular os discursos, mas também de produzir significados, identidades e sujeitos. Os autores das diferentes épocas transformam seus contos em veiculadores das ideias consideradas legítimas de cada espaço/tempo, com o objetivo de causar identificação em seus leitores e, assim, produzir e regular determinadas formas de subjetividade. A literatura infantil é, portanto, um espaço de “criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais” (Fischer, 2001a, p. 588).

Assim como os contos, vários artefatos culturais podem ser utilizados como construtores de sentido em análises de processos históricos e socioculturais. Sabemos que os mais diferentes meios de expressão da linguagem são analisados por pesquisadores atentos às possíveis conexões desses artefatos com as relações de poder. Na modernidade nascente, período em que contos como o da Chapeuzinho Vermelho estão inseridos, o número de artefatos culturais era significativamente mais restrito. Entretanto, a literatura é um bom material para análise das tramas sociais, que mergulhadas nas relações de poder expressam os discursos hegemônicos e regimes de verdade (Foucault, 2017).

Neste artigo buscamos discutir sobre o modo como os contos de fadas produzem formas de governo dos sujeitos infantis e sua sexualidade, agindo no sentido de condução de condutas e investindo na vida das crianças. Desta maneira, elegemos o conto “Chapeuzinho Vermelho” como foco de nossa análise, buscando analisar trechos das versões de Perrault (1697) e dos irmãos Grimm (1812), na tentativa de identificar possíveis continuidades e descontinuidades nos discursos ali expostos.

Para atingir tal objetivo, apostamos em uma metodologia baseada na proposta de Darnton (2015, p. 26), para quem os contos de fadas são “documentos históricos” e fazem parte de um campo frutífero de análise para os pesquisadores do campo da história da infância. Dessa maneira, nossa opção é utilizá-lo para apontar o estranhamento causado por esses documentos ou, em uma aproximação com Foucault, as descontinuidades de determinados modos de olhar sobre a infância e sua sexualidade.

Assim, Robert Darnton é uma peça importante no referencial dessa pesquisa, pois já movimentou de alguma maneira os contos para compreender o ambiente histórico e social em que foram produzidos. No entanto, Darnton (2015) utiliza os contos de fadas para remontar às mentalidades do povo camponês de séculos atrás, o que apresenta uma divergência importante de ser mencionada com o aporte teórico foucaultiano escolhido nessa pesquisa.

Em uma perspectiva foucaultiana, os dispositivos não emergem por uma mudança nas mentalidades coletivas e sim por mecanismos de poder que fazem tornar-se essencial o funcionamento de determinados discursos, sejam eles em relação à infância ou à sexualidade. Para tanto, o interesse aqui não é sobrepor diferentes olhares teóricos para um mesmo documento, mas sim, analisar os contos visando às contribuições de Foucault, sem deixar de utilizar autores que já tenham se valido da mesma fonte aqui proposta e que possam ampliar o olhar sobre ela. Assim, o intuito aqui não será remontar a experiência camponesa como se propôs Darnton, mas compreender a distância temporal daquela visão de mundo para a nossa e a partir desse estranhamento perceber as discontinuidades.

Nesse sentido, esses documentos – os contos – não se configuram como fotografias fiéis do tempo e espaço históricos em que se encontravam inseridos, porém fornecem possibilidades de entrarmos em contato com os discursos ali inscritos. Para tanto, nesse artigo o intuito é utilizar trechos das diferentes versões do conto “Chapeuzinho Vermelho”, escritas inicialmente por Perrault e posteriormente pelos irmãos Grimm, para identificarmos as rupturas e permanências de um discurso moderno sobre a infância ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Convém apontarmos também que ao utilizarmos as contribuições de Ariès (2014) ao falarmos sobre a infância, estamos atentos que esse autor se aproxima da análise das mentalidades organizadas no espaço privado que viriam a fazer emergir o que entende por “sentimento de infância”, enquanto Foucault interessa-se pelo exercício do poder e pela forma como o Estado intervém na vida privada. Assim, “as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo” (Fischer, 2001b, p. 200).

Nesta pesquisa, assim como no estudo de Kohan (2005, p. 62), as discussões de Ariès e Foucault são consideradas “complementares na medida em

que geram, a partir de perspectivas diferentes, elementos teóricos para problematizar aquele modo dominante de pensar a infância”. Ambos os autores contribuíram para a problematização das temáticas aqui propostas, pois, partindo de suas perspectivas, perceberam de alguma forma a centralidade que a infância toma nos períodos históricos analisados, seja como um sentimento (Ariès, 2014) ou como o resultado dos deslocamentos ocorridos dentro da lógica do saber/poder (Foucault, 2017).

Além dos autores já citados, não poderíamos deixar de destacar os trabalhos de Bettelheim (2015), autor clássico sobre o tema dos contos de fadas, que se reporta à psicanálise para refletir sobre os simbolismos presentes nessas narrativas e Corso e Corso (2006), psicanalistas que influenciados pelo trabalho de Bettelheim, seguem analisando os contos sob um viés psicanalítico. Além desses considerados clássicos, destacamos Hilleshem e Guareschi (2006) e Moraes (2010) que se debruçam especificamente sobre o conto “Chapeuzinho Vermelho”.

PERRAULT TINHA UM AVISO: CUIDADO COM O LOBO DO SEXO!

Assim como inúmeros outros contos de fadas, *Chapeuzinho Vermelho* acompanhava as noites geladas do povo camponês ao redor das lareiras, no rigoroso inverno francês. Antes de ser compilado por Perrault, esse conto pertencia à tradição oral francesa e era contado a partir das palavras dos camponeses da França do século XVII, de suas expressões e visões de mundo.

Desse modo, os contos da tradição oral camponesa não tinham a pretensão de serem contados especificamente para crianças, já que essas distinções de idade não eram comuns entre os camponeses. Por esse e outros motivos, a naturalidade da menina ao lidar com as práticas relacionadas a seu corpo e sua sexualidade³ pode ser percebida como um exemplo de estranhamento para os discursos veiculados sobre a sexualidade infantil a partir do nascimento da modernidade.

³ A criança em momento algum deixou de lidar com a sexualidade de tal maneira. O estranhamento condiz com a veiculação clara da ligação da ação da menina com a sexualidade – tema que a visão moderna desassocia da infância – do que com a ação em si.

A narrativa oral veiculada pelos camponeses do século XVII⁴ demonstra uma menina deixando-se ser seduzida pelo que seria um homem adulto, tira suas peças de roupa em um ritual sedutor e, mesmo percebendo que aquele com quem fala não é quem diz ser, permanece se entregando à descoberta do diferente, motivada e seduzida pela curiosidade. Apesar do estranhamento que esse fato pode causar aos leitores mais acostumados com as versões posteriores já adaptadas aos discursos modernos, a menina vivia e se comportava de modo condizente com seu meio e tempo histórico (Darnton, 2015).

Para Robert Darnton (2015), quando nos valemos de materiais antigos e eles nos causam estranhamento, podemos ter em vista que temos em nossas mãos um importante documento de análise e reflexão. A partir desse estranhamento compreendemos o passado como outro do presente e por ser assim, se apresenta como um campo fértil para o interesse do historiador.

O estranhamento é causado porque as proibições, ressignificações e isenções que passaram a rondar a infância com o emergir da modernidade estavam se formando e ainda não atingiam os camponeses. A ideia de infância inocente não era veiculada, nem tampouco a própria ideia de infância havia se consolidado. Assim, os discursos voltados à preservação da inocência das crianças não haviam emergido. Seus corpos vagavam entre os adultos, havia uma liberdade de linguagem e até mesmo carícias entre adultos e crianças (Foucault, 2017).

Foucault (2017) afirma que até o século XVII o pudor vitoriano que parece marcar as práticas e os discursos voltados a respeito da sexualidade não era recorrente: “As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticências excessivas e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” (Foucault, 2017, p. 7). Algumas falas do conto, que podem nos ser estranhas ou obscenas, não eram assim percebidas naquela realidade. Um exemplo deste estranhamento pode ser percebido no seguinte trecho da versão oral do conto, reproduzido por Darnton (2015, p. 22) em seu livro *O grande massacre dos gatos*:

Então, o lobo disse:

- Tire a roupa e deite-se na cama comigo.

- Onde ponho meu avental?

- Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dele.

Para cada peça de roupa – corpete, saia, anágua e meias – a menina fazia a mesma pergunta. E, a cada vez, o lobo respondia:

4 Que pode ser conferida em Darnton (2015, p. 21 - 22).

Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela.

Assim, o conto *Chapeuzinho Vermelho* demandou ressignificações para sua permanência ao longo dos séculos, visto que, tal como se expressa na tradição oral, não aborda valores universais que estariam presentes em todos os tempos e culturas. Essas ressignificações demonstram o quanto as culturas mudaram ao longo do tempo e do espaço, desencadeando o estranhamento que aponta a necessidade da ressignificação (Darnton, 2015).

Apesar de Perrault utilizar como base o conto da tradição oral, ele o ressignifica e adapta à cultura em que estava inserido, distinta da realidade dos camponeses. Sua versão inicia-se com o autor pontuando a importância afetiva que a personagem principal tinha com os adultos de sua família: “a mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda” (Perrault, 2010, p. 37).

Em seguida, a avó da protagonista adoece. A mãe da menina pede-lhe que leve torta e manteiga até a casa da velha senhora, oportunidade para que ela pudesse ver como andava a saúde da avó. Para cumprir tal pedido, faz-se necessário caminhar até outra aldeia, atravessando um bosque. Nesse percurso, encontra um lobo que sente muita vontade de devorá-la e só não o fez por medo dos lenhadores que se encontravam por perto. Por isso, o lobo resolve conversar com a menina e perguntar para onde ela estava indo. Esta explica para o desconhecido lobo o caminho que deverá percorrer até a casa da avó. O lobo faminto aproveita a oportunidade e diz para a menina que também vai visitar a avó e a desafia para ver quem será capaz de chegar mais rápido ao destino. O lobo corre pelo caminho mais curto, enquanto Chapeuzinho se distraía com as borboletas e as avelãs.

Obviamente, o lobo chega antes da menina na casa da avó, entra e, sem demorar-se, devora a avó e se esconde embaixo dos cobertores. Logo em seguida, Chapeuzinho Vermelho também chega ao destino. E o lobo, imitando a voz da avó, recomenda que ela entre. Ao entrar na casa, o lobo pede que ela se deite na cama com ele. Pensando estar falando com sua avó, a menina tira suas roupas e faz exatamente o que o lobo solicitou.

Entretanto, assim que a menina vê o lobo, ela desconfia que algo parece não estar certo com sua avó. Então, os dois iniciam o famoso diálogo sobre as incoerências corporais percebidas pela protagonista em relação a sua suposta avó. Depois disso, o conto acaba da seguinte maneira: o lobo “pulou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu” (Perrault, 2010, p. 39).

Se observarmos as variações mais recentes desse conto, parece inconcebível a personagem principal terminar devorada por seu algoz, já que esse desfecho não parece apropriado para as crianças modernas. Isso ocorre, pois na modernidade emergiram valores e pressupostos que fazem com que algumas questões não sejam consideradas adequadas ao público infantil. A criança é preservada dos sofrimentos, na tentativa de mantê-las puras e inocentes. Nos contos isso se reflete com a regularidade dos finais felizes, que oferecem à criança a possibilidade de resolução das adversidades que podem vir a enfrentar.

Contudo, esse conto apresenta algumas sinuosidades se comparado ao que sabemos sobre a versão camponesa. Isso ocorre porque Perrault, ao utilizar a versão oral para passá-la à forma escrita e viabilizá-la para a corte do rei Luís XIV e a culta nobreza, realiza nela algumas modificações, levando em conta o gosto refinado dos frequentadores dos círculos elegantes de Paris. Perrault suaviza a versão oral camponesa, suprimindo cenas que remetem ao “canibalismo com a avó e o *strip-tease* antes de a menina ser devorada” (Darnton, 2015, p. 26).

Ao nos apoiarmos nas contribuições de Foucault (2017) sobre a sexualidade, podemos compreender esses cuidados a que Perrault se propõe. O modo medieval de relacionar-se com a sexualidade que prevalecia no meio camponês vinha sendo alterado na cultura da burguesia. Aos poucos, com a ascensão da família e da primazia pelos relacionamentos conjugais, o sexo vai tornando-se um segredo. É gradativamente absorvido “inteiramente, na seriedade da função de reproduzir” (Foucault, 2017, p. 7). Doravante, o casal burguês, “legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar” (Foucault, 2017, p. 7).

Segundo Foucault (2017, p. 19), se pensarmos a partir do que chama de “hipótese repressiva”, o século de Perrault marcaria o início da repressão sexual instituída pela classe burguesa da qual fazia parte. No século XVII nasceram “as grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem” (Foucault, 2017, p. 125).

Entretanto, Foucault refuta uma leitura rasa dessa repressão do sexo, defendendo que apesar de ter existido, ela não é suficiente para explicar as questões voltadas ao sexo, emergentes entre a burguesia do século XVII. Portanto, para o autor (2017, p. 19) “em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva”. Para Foucault (2017), foi a partir daí que o sexo

foi colocado no discurso, um discurso que se multiplicou na tentativa de produzir uma sexualidade e não como forma de simplesmente reprimi-la. E, por isso, o autor expõe que a sociedade moderna carrega o sexo em seu emblema, marcada pela tentativa de controlá-lo e em decorrência disso fala-se dele de maneira obstinada. Por conseguinte, essa multiplicação de discursos sobre o sexo não veio sozinha, mas trouxe consigo interditos e proibições necessários para a produção dessa sexualidade.

Os contos de Perrault, de modo geral, parecem captar essa explosão discursiva, além dos interditos e das proibições, pois os (re)produzem Nas narrativas deste autor, isso pode ser constatado especialmente no conto “Chapeuzinho Vermelho”, pois fala a todo momento sobre sexo, trazendo a sedução da menina e seu contato considerado precoce pela moral burguesa com a sexualidade adulta. Ao adaptar seus contos para o público infantil, o discurso do autor ganha um viés disciplinador, e o exemplo da personagem principal ganha uma carga negativa, ou seja, expressa ações consideradas não aconselháveis pelo autor e a punição por essas ações. Para deixar claro seu objetivo pedagógico com a publicação dessa narrativa, ao final de seu conto, Perrault acrescenta uma moral da história:

Vemos aqui que os poucos experientes,
E acima de tudo as mocinhas,
Gentis, bem feitas, bonitinhas,
Fazem mal em ouvir qualquer tipo de gente,
Por isso é que nunca me espanta,
Que o lobo chegue a comer tantas. (Perrault, 2010, p. 39).

Se observarmos o fato de a menina tirar a roupa antes de deitar-se com o lobo, como retratado no seguinte trecho “Chapeuzinho vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama” (PERRAULT, 2010, p. 80) pode ser visto como uma referência ao ato sexual, sendo que a personagem de alguma forma aceita as provocações do lobo. Assim, a menina é punida por fazê-lo, sendo devorada pelo lobo ao final da narrativa. O autor não dá margem para dúvidas sobre o conteúdo sexual do conto, deixando claro, na moral, que se refere a homens adultos buscando “mocinhas, gentis, bem-feitas, bonitinhas” (Perrault, 2010, p. 39) para devorá-las.

Com isso, observando a preocupação exposta na moral escrita por Perrault, percebemos a frequência com que algumas práticas sexuais entre adultos e crianças ocorriam no período retratado na narrativa (século XVII), levando em

consideração que o conto “Chapeuzinho Vermelho” aborda o universo francês e demonstra indícios do cotidiano do povo camponês. Em estudo anterior constatamos que

naquele contexto, ainda que houvesse um questionamento e reprovação crescentes das atividades sexuais entre crianças e adultos ou de práticas como o incesto, estas não eram incomuns e continuaram sendo retratadas nos contos para as crianças. Cabe notar que a percepção até então construída sobre a infância não tinha como cerne a preocupação com cuidados baseados em preceitos morais, educativos e protetivos como os valorizados na atualidade (STAKONSKI e SILVA, 2020, p. 1).

Perrault veicula em seu texto um discurso dissonante ao da versão oral, pois julga as ações da personagem e expõe sua aversão a tais práticas. Diferentemente do que ocorria entre os camponeses que não demonstravam um intuito disciplinador, o objetivo da tradição oral parece ser mais voltado ao deleite ou apontamento das dificuldades sofridas e inconformidades com a organização social vigente (Darnton, 2015).

No entanto, levando em conta o contexto para o qual Perrault estava conduzindo sua narrativa, é compreensível o desfecho apresentado, já que o pudor era algo louvável, e a educação das crianças, a partir do século XVII, na Europa, giraria em torno de sua proteção no tocante ao contato com a sexualidade.

Apesar de já terem iniciado as interdições modernas sobre o sexo, essa versão continuou a relacionar-se fortemente com a sexualidade, ainda que buscasse proteger as crianças do contato com a sexualidade adulta, o que ele considerava precoce. Se no universo camponês os infantis viviam em meio a “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo entre os risos dos adultos” (Foucault, 2017, p. 7), entre a nobreza iluminada pelas luzes da razão, a sexualidade se encerrava no quarto dos pais. O sujeito infantil, gradativamente, estava sendo percebido como diferente do adulto, a ponto de, aos poucos, os contos de fadas irem se transformando em uma literatura específica para essa faixa etária, obrigando o autor a adaptá-los.

A adaptação do conto oral é “mediada por mecanismos de poder que almejavam restringir a maneira de se abordar a sexualidade em meio às crianças, dentro do projeto pedagógico nascente, redefinindo e delineando esta abordagem

no novo quadro familiar burguês que se estabelecia” (Moraes, 2010, p. 111). Com isso, eles foram assumindo seu papel disciplinador, auxiliando no governo das crianças e de seu sexo.

Perrault não procura esconder seu intuito de disciplinar os modos da criança viver seu sexo. Segundo Bettelheim (2015, p. 235), ele deixa óbvias as metáforas que aproximam o conto das questões sexuais, por estar capturado por “uma interpretação racionalista do propósito da história, Perrault torna tudo tão explícito quanto possível”.

De acordo com essas afirmações, Moraes (2010) situa o conto no campo das sanções disciplinares, que, segundo Foucault (2017), se enquadram na função de suprir lacunas deixadas pela lei. O conto “reforça um mecanismo disciplinar coercitivo de vigilância em torno do estabelecimento de normas de comportamento apontando para uma função deflagrada pelo desvio de tais normas” (Moraes, 2010, p. 112). Por esse motivo, essa obra de Perrault reforça uma ideia de vigilância e punição sobre a protagonista.

Para Foucault (2014), a disciplina é a ferramenta predominante no exercício do poder que se estrutura no século XVII. Assim, em sua concepção, a disciplina é uma tecnologia de poder, ou seja, um tipo de poder, uma maneira de exercê-lo, própria das sociedades modernas. Essa tecnologia disciplinar se exerce por meio de dispositivos e discursos ligados a eles, que constroem uma rede que tem como foco modelar, manipular, treinar o corpo dos indivíduos, para que, assim, possa torná-los obedientes e habilidosos. Em suma, a disciplina é um método que visa obter “o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 2014, p. 135).

Essa tecnologia disciplinar que, no período de Perrault (século XVII) e dos Grimm (início do século XIX), se torna fórmula geral de dominação visa a fabricar corpos dóceis e úteis e encontra nos contos de fadas importantes aliados. Os contos ligados de maneira enfática ao dispositivo de sexualidade têm uma função normalizadora que marca dualidades: o correto e o incorreto, permitido e proibido, normal e anormal (Moraes, 2010).

Por isso, a moral da história desse conto demonstra um julgamento do autor em relação às ações da protagonista. Isso fica desvelado quando expõe que as mocinhas “Fazem mal em ouvir qualquer tipo de gente” (Perrault, 2010, p. 39). Com esse trecho, o autor deixa claro que a personagem principal é um exemplo

do que não deve ser feito, do incorreto, por isso o final trágico se mantém como uma interdição ao modo de agir da menina.

A moral serve como aviso para as meninas não se deixarem entregar ao contato com a sexualidade adulta, caso contrário o final será trágico, assim como o de *Chapeuzinho Vermelho*. Para Moraes (2015), a personagem ser devorada no final do conto demonstra a sanção punitiva por seus desvios de comportamento, que causam o medo dessas sanções em quem entra em contato com a narrativa. Ou seja, a moral fixa o conto como uma ferramenta a serviço da disciplina, que coloca o corpo da criança no foco desse poder que dociliza e fabrica uma determinada forma de ser criança e de se relacionar com a própria sexualidade. É importante destacar, ainda, que essa narrativa serve também como um recurso aos pais, para que eles possam utilizar esse conto para orientar seus filhos sobre o “perigo” da sexualidade e docilizar seus corpos a partir das verdades veiculadas pelo dispositivo de sexualidade (Foucault, 2017).

A maneira como o autor retrata a personagem na narrativa parece demonstrar o sujeito infantil em sua distinção com o adulto. Podemos perceber vestígios de uma concepção de infância moderna que emerge. Os cuidados com a criança abrangem a necessidade de resguardar seus corpos por meio de um puritanismo vitoriano, fortemente vigente no século XVII. Assim, manifestou-se um maior cuidado em proteger as crianças de todo o contato precoce com os atos sexuais comuns entre elas e os adultos até então.

Todavia, as anacronias presentes nas narrativas desse autor exprimem, por outro lado, aspectos estranhos à percepção moderna/ocidental do sujeito infantil. Isso revela o quanto essa ideia de infância ainda estava se constituindo como uma ferramenta do poder, não existia uma unanimidade de discursos.

Observando tal colocação, pode-se constatar que, mesmo sabendo do perigo, a mãe de *Chapeuzinho Vermelho* a mandou ir levar o bolo e a manteiga até a casa da avó, o que permite perceber o período de transição na representação de infância da época. É possível notar uma dualidade entre as percepções de infância presentes no conto: a primeira percepção, em que a criança é amada, tanto que a avó inclusive faz para a menina um gorrinho vermelho como forma de protegê-la; já na segunda, a criança parece ser indistinta do adulto, expondo-se aos mesmos perigos que qualquer outra pessoa, como no passeio pelo bosque, desacompanhada.

Isso demonstra que, apesar da menina ter sua infância percebida pela família (mãe e avó), como um momento singular da vida adulta, essa maneira de perceber o sujeito infantil ainda está longe de ser a mesma prevalente na atualidade. O passeio da menina pelo bosque, no conto de Perrault, não vem posteriormente às recomendações da mãe sobre os cuidados e perigos do lugar. A infância retratada no conto não é, portanto, permeada de cuidado e proteção tal como acontece atualmente. A não ser em alguns aspectos relativos à sexualidade.

Nesse período, as maneiras de se lidar com a sexualidade infantil começam a se aproximar dos modos modernos de tratar desse assunto, o que faz o próprio autor adaptar seus contos a esse público. Assim, “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, pode ser considerado como um canal pelo qual o poder que controla o prazer cotidiano é veiculado para atingir “as mais tênues e mais individuais das condutas” (Foucault, 2017, p. 17). O conto é um dos caminhos possíveis de serem utilizados pelas famílias burguesas para educar e proteger suas crianças do contato com a sexualidade, que consideram precoce, a partir de agora (Foucault, 2017).

OS GRIMM PARECEM NÃO GOSTAR NADA DO LOBO DA DESOBEDIÊNCIA

Não é somente a versão de Perrault que exerce essa função de veículo para o exercício de um poder que educa, visto que, mais de um século depois, na Alemanha, os Irmãos Grimm compilam seus contos com objetivos intelectuais, no intuito de preservar a autêntica língua alemã e preservar seu folclore. A versão de “Chapeuzinho Vermelho” dos Grimm é mais conhecida do que a de Perrault. Eles foram responsáveis pela expansão dos contos de fadas pela Europa e, conseqüentemente, é essa versão que chega ao Brasil.

Assim como no caso de Perrault, posteriormente os contos dos irmãos Grimm são adaptados ao público infantil firmando a tendência de diferenciação entre adultos e crianças (Hillesheim; Guareschi, 2006). No século XVIII, a criança é percebida de maneira mais enfática como inocente – a partir dos discursos veiculados por autores como Rousseau – e não deveria ter acesso às referências explícitas à sexualidade. O universo infantil distancia-se do adulto, e o sexo se afasta dele. Por isso, o conto se molda por esses novos discursos que circundam a infância, e a simbologia da sexualidade ali presente se intensifica.

Os métodos de compilação dos contos de fada realizados pelos irmãos Grimm demonstram uma similaridade com os de Perrault: ambos têm a língua oral do povo como fonte para seus estudos. Além disso, assim como na França, a Alemanha também tinha presente em sua cultura popular o folclore celta (Hilleshiem; Guareschi, 2004). Entretanto, com as mudanças nos modos de perceber a infância e as produções discursivas que vinham se desenvolvendo sobre elas, a infância produzida pelo material desses autores é diferente do que vemos em Perrault.

Assim como ele, os Irmãos Grimm escreveram inicialmente de maneira erudita, para somente depois adaptarem seus contos ao público infantil. Modificações pautadas nas produções discursivas que emergiam sobre a infância são realizadas depois da primeira edição dos *Contos da infância e do lar* (1812), em que expressões consideradas impróprias ao público são excluídas ou adaptadas. Dentre os contos compilados pelos irmãos Grimm está “Chapeuzinho Vermelho”.

Mesmo com as semelhanças de coleta dos contos dos Grimm com Perrault e a presença de um mesmo conto - e até mais - na obra de ambos, é oportuno salientar que essas duas versões de “Chapeuzinho Vermelho” possuem bastantes diferenças entre si. O início do conto é parecido, mas, diferente da narrativa de Perrault, a mãe, preocupada com os perigos da floresta, recomenda à filha:

Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrar nada para a avó. E quando entrar, não fique bisbilhotando pelos cantos da casa (Grimm, 2010, p. 146).

Logo no início de sua jornada pela floresta, a protagonista encontra o lobo. Como vimos, entre os avisos da mãe não há nada relacionado a ele e, assim, sem saber que se tratava de alguém não confiável, a menina vai conversando com ele pelo caminho. Chapeuzinho Vermelho ingenuamente conta para o lobo seu destino, mas se mantém firme em relação às recomendações da mãe em não desviar o caminho. O lobo planeja uma artimanha para devorar tanto a avó quanto a menina. Assim, ele tenta distraí-la com as flores e os pássaros e a convence a sair de seu caminho.

Chapeuzinho vai atrás de flores e se embrenha cada vez mais na mata, enquanto o lobo corre até a casa da avó, a engana-a a que abra a porta, a devora

inteirinha e veste suas roupas. Ao encontrar a avó – que na verdade, era o lobo – Chapeuzinho vai logo perguntado. Assim começa o famoso diálogo presente em todas as versões do conto.

Depois, o lobo salta da cama e devora a personagem. O conto, no entanto, não acaba por aí. A versão dos Irmãos Grimm conta com a figura do lenhador, que passava por perto, ouve um barulho de ronco e nota que não condiz com uma pobre senhora doente. Ao entrar na casa, o lenhador percebe que o lobo deve ter comido a senhora, abre a barriga dele com uma tesoura e de lá pula a Chapeuzinho Vermelho e sua avó.

Chapeuzinho Vermelho cata algumas pedras grandes e enche a barriga do lobo com elas. Ao acordar, o lobo tenta fugir, mas o peso das pedras lhe impedem. Então, o caçador esfolo o lobo e leva a sua pele para casa. Depois de tudo isso, Chapeuzinho Vermelho repete para si mesma: “Nunca desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir” (Grimm, 2010, p. 151).

O conto termina com um outro encontro da menina com um novo lobo, o qual tenta “fazê-la desviar-se da trilha, mas Chapeuzinho Vermelho estava alerta e seguiu em frente” (Grimm, 2010, p. 151). Ao chegar à casa da avó, as duas dão um jeito de afogar o lobo no interior de um coxo.

São notáveis as diferenças entre o conto dos irmãos Grimm e o de Perrault, especialmente na supressão sobre as manifestações explícitas da sexualidade da protagonista, como na cena em que ela tira suas roupas para deitar-se com o lobo. Além, é claro, do final feliz na adaptação dos Grimm. As diferenças entre os autores marcam as distinções de seus modos de perceber os sujeitos infantis, para quem ambos endereçam suas narrativas.

Nessa perspectiva, Ariès (2014, p. 78) afirma que as questões referentes às crianças presentes no século XVII (período em que Perrault compila seus contos) foram repensadas depois de uma “grande reforma moral, inicialmente cristã e a seguir leiga que disciplinou a sociedade aburguesada do século XVIII”.

Foucault (2017) defende que, neste período, os poderes modernos são canalizados para o sexo da criança, especialmente a partir do início do século XVIII. Para ele, a ideia de não presença de sexualidade no sujeito infantil facilitou o discurso que interdita, proíbe e fala sobre o sexo da criança. Traz uma boa “razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos para onde quer que venha a

manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado” (Foucault, 2017, p. 8).

Como dito anteriormente, a partir do século XVII o sexo é colocado no discurso e submetido a um mecanismo cada vez mais crescente, que incita o falar sobre ele. Como o próprio Foucault (2017, p. 110) defende: “o discurso veicula e produz poder”. Com isso a entrada do sexo no discurso cria um dispositivo de sexualidade que tem como conjunto estratégico a pedagogização do sexo da criança.

Além disso, os saberes científicos, com um pretexto de disseminar a verdade sobre o sexo, promoveram medos e, a partir do imaginário, males voltados às diferentes formas da sexualidade. Ao voltar-se ao sexo das crianças, constituíram uma sexualidade infantil, vista como algo danoso e necessitado de vigilância constante para que não ocorra. Assim, identifica-se a relação entre os saberes e poderes sobre a sexualidade das crianças a partir do dispositivo de sexualidade.

Foucault (2017), por sua vez, não percebe essa vigilância sobre a criança como uma mudança nas mentalidades, mas sim como parte de mecanismos de poder que, ao colocar o sexo em discurso, tornaram-no um assunto público e voltado para a população. O mesmo autor (2017, p. 30) expressa ainda que, a partir disso, “desapareceu a antiga ‘liberdade’ de linguagem entre crianças e adultos” e também “desapareceram progressivamente os risos estrepitosos que, durante tanto tempo, tinham acompanhado a sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 2017, p. 30).

Diante disso, pode-se ter a impressão de que o ocorrido foi um puro silenciar no tocante a sua sexualidade, já que a criança deixou de ter acesso a assuntos voltados ao seu sexo. Entretanto, segundo o filósofo francês (2017, p. 30), “fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos”. Não bastava somente o silêncio em torno do sexo da criança, foi necessário pensar modos de não dizer, modos de determinar tinha lugar de fala. Além disso, “não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos” (Foucault, 2017, p. 31).

No século XVIII, o sexo da criança torna-se um problema público, importante para toda a população. É evidente que a sexualidade existe e se mostra de maneira precoce e ativa, além de ser algo permanente na vida dos sujeitos.

Assim, as instituições responsáveis pela educação das crianças voltam-se a partir daí para a sexualidade delas. Seu espaço físico passa a ser pensado para essa regulação, e os regulamentos dessas instituições visam a vigiar os alunos.

Nesse período os discursos voltados para o sexo fabricaram uma sexualidade infantil, disseminadora da ideia de inocência em confronto ao des pudor até então válido. A sexualidade infantil passa a ser percebida como prejudicial a essa percepção de infância inocente. Consequentemente, a criança passa a ser pensada como objeto de vigilância constante e de exame.

Os séculos XVIII e XIX são marcados pela concentração das formas de discurso sobre esse tema e, nesse contexto, os interlocutores foram preparados e os conteúdos codificados. Falou-se sobre o assunto e criou-se uma verdade regulada sobre o sexo (Foucault, 2017), que foi perpetuada no seio das famílias, na educação escolar, na organização social e nos contos de fadas.

Capturados por esse dispositivo de sexualidade, os irmãos Grimm, ao adaptarem seus contos para o público infantil, suprimem todos os resquícios possíveis que deem a entender o conteúdo erótico da narrativa. Todavia, o diálogo ao pé da cama ainda remete a uma cena de sedução simbólica, e os questionamentos da personagem ainda demonstram sua curiosidade com o diferente que faz parte de um jogo de sedução (Corso; Corso, 2016).

Corso e Corso (2006) apontam que, em diferentes versões desse conto, o célebre diálogo se repete dando uma natureza erótica à conversa das personagens. Apontam ainda que, se observarmos com atenção, esse diálogo é uma peculiaridade que o lobo tem com a protagonista; a avó foi devorada de maneira mais objetiva, sem esse jogo de sedução e entrega.

Essas questões mantêm a sexualidade ativa no conto “Chapeuzinho Vermelho”, mesmo que o objetivo dos Grimm pareça ser suprimi-la, já que, doravante, o controle dos discursos seria algo de extrema importância, em uma tentativa de domínio do sexo em seu plano real. O que ocorre, portanto, é uma reestruturação do discurso presente no conto, encontrando-se um modo de não dizer o que estava sendo dito. O conteúdo sexual encontra uma forma simbólica de manter-se e adaptar-se à emergente explosão discursiva.

Apesar de parecer que finalmente esse conto se aproximou da concepção moderna ocidental de infância, o estranhamento causado por essa outra versão, apesar de menor, continua exposto. Como bem apontam Hillesheim e Guareschi

(2006), a violência nos contos dos irmãos Grimm é um ponto de bastante destaque, como o sofrimento dos personagens são narrados de maneira enfática, da mesma forma que as punições aos vilões são bastante severas.

O conto “Chapeuzinho Vermelho” adapta-se aos imperativos de cada sociedade em que se insere. No século dos irmãos Grimm, as técnicas de poder ganham uma nova roupagem, e a disciplina entra com tudo para as relações de poder e torna-se fórmula geral de dominação, intensificando o controle minucioso sobre as operações do corpo dos indivíduos (Foucault, 2014).

“A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (Foucault, 2014, p. 136), potencializando as forças do corpo ao mesmo tempo em que diminui as forças políticas e aumenta a obediência. Os efeitos do poder seguem sendo perceptíveis também nessa versão, em que a obediência é exaltada pelos autores enquanto a transgressão é punida.

Como explicitado anteriormente, a versão dos Grimm traz, de maneira distinta das outras versões evidenciadas, as recomendações da mãe. Logo no início de sua jornada pela floresta, a menina é avisada: seja “uma boa menina”. Diante desse discurso da mãe, podemos perguntar: o que é ser uma boa menina? Pode-se pensar que ser uma criança obediente torna nossa protagonista uma boa menina, ou então, não ser bisbilhoteira, intrometendo-se em assuntos não apropriados para uma criança.

De qualquer modo, assim que ouve tais advertências da mãe, a protagonista sai de casa e logo encontra o lobo e a partir desse encontro precisa provar ser ou não essa boa menina. Fica claro que a noção de obediência está ligada ao que é considerado socialmente como o bem. Se a menina se comportar de forma dócil e for útil ao fazer o trabalho do qual foi encarregada, será considerada uma “boa menina” e se não for obediente será punida pelos autores do conto.

Essa lógica também ocorre com o aviso da mãe que vem complementando a recomendação “não fique bisbilhotando pelos cantos da casa” (Grimm, 2010, p. 146). Esse pode ser considerado como um aviso da mãe para que a menina não se envolva com o assunto dos adultos: o sexo. Nesse sentido, Bettelheim (2015, p. 240) percebe as recomendações da mãe como uma tentativa de preservar a filha de “descobrir os segredos dos adultos”. A passagem em que a mãe faz suas recomendações demonstra a percepção dela sobre as inclinações da protagonista a desviar-se do caminho ou bisbilhotar, e porque não o fato dos

próprios Grimm estarem cientes sobre essas mesmas possibilidades nas crianças leitoras.

Para além das recomendações da mãe como forma de disciplinar sua filha, o poder disciplinar aumenta o controle de cada indivíduo sobre seu próprio corpo por meio da vigilância minuciosa e constante (Foucault, 2014). Consequentemente, a menina, mesmo longe do olhar da mãe, seguia seu caminho exatamente como foi orientada. Ainda assim, ao encontrar o lobo, que elabora formas de devorá-la, ele a convence a apreciar o bosque, afirmando que ela “está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque” (Grimm, 2010, p. 147). Com isso, o lobo lembra à protagonista da ausência de vigilância daquele ambiente e a convence a entregar-se às belezas do lugar enquanto ele executa seu plano.

A escola é citada pelo lobo, pois, a partir do século XVIII, estruturou-se não somente “como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, hierarquizar, de recompensar” (Foucault, 2014, p. 144). Os espaços escolares foram organizados, a partir daí, para que as crianças ficassem todo tempo sob o olhar cuidadoso do professor no intuito de impor uma ordem. É pela ausência de vigilância que o lobo consegue atingir seu objetivo.

Com o auxílio da pesquisa de Ariès (2014), podemos defender que, além da vigilância, os processos disciplinares refletidos na educação escolar dos pequenos têm o autoritarismo como importante recurso disciplinar. O objetivo das escolas nesse período era, por meio da humilhação e dos castigos físicos, distinguir as crianças dos adultos e melhorá-las para serem devolvidas ao convívio social.

Esses castigos físicos, assim como se percebe no conto aqui analisado, parecem querer sinalizar a autoridade das convicções pedagógicas que tanto prezavam pela obediência. O conto pune a desobediência da protagonista quando o lobo “saltou para fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho” (Grimm, 2010, p. 149). Todavia, oferece-lhe uma nova chance de demonstrar que aprendeu a lição da importância de ser obediente e um caçador tira a menina da barriga do lobo (Hillesheim; Guareschi, 2006). Não obstante, a protagonista acentua o quanto estava apavorada e sofrendo dentro da barriga do lobo, para deixar claro o quanto havia sido ruim sua punição: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo!” (Grimm, 2010, p. 150).

Como se o conto tentasse validar os castigos físicos como bons recursos pedagógicos, a protagonista aprende com o acontecido. Por isso, no conto dos irmãos Grimm, a moral da história vem pela voz da própria protagonista para demonstrar que aprendeu a lição: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir” (Grimm, 2010, p. 151). Em outras palavras, a narrativa exalta a importância da obediência aos pais, mas também acentua a relevância das regras da instituição escolar, visto que a menina deixa de obedecer quando o lobo compara suas ações à forma de portar-se na escola. Ao transgredir essas formas, a menina é devorada.

Além disso, no final do conto, os autores contam a história de uma outra situação em que a menina encontra o lobo e, como prova de que aprendeu a lição, não dá ouvidos a ele, confessa à avó o ocorrido e ambas matam o animal. Assim, por medo das sanções a que havia sido submetida em seu primeiro contato com o lobo, em sua segunda chance a menina mantém a obediência e, ao fazer isso, finalmente consegue seu final feliz.

Além da punição a Chapeuzinho Vermelho, que parece bastante severa se pensarmos na violência de ser devorado por um lobo faminto, temos nessa narrativa as punições aos lobos. Eles não têm o mesmo privilégio da protagonista, a eles não é oferecida uma segunda chance e são mortos de formas violentas. Observemos estes trechos que comprovam a afirmação anterior: ao encontrar o primeiro algoz, o caçador “pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido” (Grimm, 2010, p. 150). Como se não bastasse cortar a barriga do lobo a sangue frio “Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas” (Grimm, 2010, p. 150 - 151), claramente como uma ação punitiva ao lobo, visto que tanto a protagonista já havia saído viva quanto sua avó. Então, ao tentar sair correndo dali para salvar-se, o animal caiu morto, pois as pedras pesaram a ponto de tirar as forças de suas pernas. Como se não bastasse tudo isso, o lobo foi esfolado pelo caçador que levou sua pele para casa. Já o segundo lobo perdeu o equilíbrio ao ser enganado por Chapeuzinho Vermelho e sua avó, caiu em um cocho cheio de água e se afogou.

Assim, percebemos que os lobos não representam crianças, mas sim homens adultos. A inocência infantil não foi preservada nesses personagens, que agem racionalmente e com intencionalidade, por isso não teriam direito a uma nova chance. Como já mencionado, as relações íntimas entre adultos e crianças ocorriam cotidianamente até o século XVII e até mais do que isso se observarmos o mundo camponês. Isso nos faz perceber que, como aponta Foucault (2017), a

partir de certo momento, essas situações, antes corriqueiras, puderam ter se tornado objeto de uma intolerância coletiva tão estável a ponto de as severas punições não chocarem os leitores do conto.

Segundo Foucault (2017), até o final do século XVIII, centrados nas relações matrimoniais, eram fixadas linhas divisórias entre o que era lícito e ilícito no tocante à sexualidade. O sexo das crianças, dos loucos e dos criminosos é interrogado, controlado e punido. Percebemos isso no conto “Chapeuzinho Vermelho”, o sexo da criança e do criminoso, pela figura do lobo, sendo punido. Entretanto, somente um desses atores é representado como inocente e digno de uma segunda chance; o outro é animalizado e punido violentamente, pagando com sua própria vida.

“Chapeuzinho Vermelho”, no entanto, demonstra a percepção dos irmãos Grimm sobre a infância. A criança é considerada por eles um sujeito aprendiz, que necessita da educação para mantê-lo dentro do considerado “normal”. Mas mais do que isso, o conto se insere no conjunto estratégico que visa a pedagogizar o sexo das crianças, assim como o conto de Perrault, que alerta sobre os perigos do contato precoce com a sexualidade e de que modo a ingenuidade da criança pode entregá-las a esse fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder e seus dispositivos fabricam modos de ser, produzem formas específicas de subjetividades infantis. O conto *Chapeuzinho Vermelho* incita subjetividades docilizadas, vangloria modos de agir obedientes e disciplinados. Ele auxilia na disseminação e produção da infância moderna, ligada a dispositivos disciplinares, entre eles o dispositivo de sexualidade. Cada autor faz isso a seu modo, imersos em redes de poder próprias de cada espaço.

Perrault escreve seu conto em um período de diversas mudanças na ordem social vigente, parecendo captar uma emergente discursividade burguesa sobre o sexo. O autor não deixa dúvidas sobre a aproximação do conto com os discursos produtores e produzidos pelo dispositivo de sexualidade, salientando um contato com o sexo considerado precoce pela moral burguesa. Na narrativa de Perrault a protagonista do conto é seduzida pelo lobo até o ponto de despir-se e deitar-se com ele. No entanto, o autor descreve esse fato motivado por uma preocupação pedagógica e um viés disciplinador. As ações da personagem principal tomam uma carga negativa no conto, ou seja, expressam ações consideradas não

aconselháveis por Perrault. Por esse motivo o autor preocupa-se em punir a personagem com a morte e esclarecer tal punição com a moral da história.

A versão dos irmãos Grimm é mais sutil ao tratar do sexo, visto que durante o século XVIII o universo infantil vai gradativamente distanciando-se do adulto, e o sexo é afastado da criança. A versão dos Grimm é moldada por esses novos discursos que circundam a infância, levando-os a intensificar a simbologia do conto. O que ocorre, portanto, é uma reformulação do discurso presente no conto em que o conteúdo sexual encontra uma forma simbólica de permanecer e se adaptar a incessante onda discursiva que carrega o sexo como seu protagonista. Essa narrativa está focada enfaticamente a exaltação da obediência aos pais e as normas escolares, tendo esses como detentores dos saberes e poderes sobre os corpos infantis.

São notáveis as diferenças entre o conto dos irmãos Grimm e o de Perrault, especialmente na supressão sobre as manifestações explícitas da sexualidade da protagonista. Além, é claro, do final feliz na adaptação dos Grimm. As diferenças entre os autores marcam as distinções de seus modos de perceber os sujeitos infantis, para quem ambos endereçam suas narrativas. Em cada versão do conto, o corpo dos indivíduos aparece envolto no interior de poderes governamentalizadores que se firmam no objetivo de conduzir condutas infantis e produzir uma infância moderna.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Cactano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

CORSO, Diana; CORSO, Mario. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: E outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Paz e terra, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista **Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 9, n.2, p. 586-599, 2001a.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Caderno de pesquisa**, n 114, p. 197-223, novembro, 2001b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. In: MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza. Contos de Fadas e Infância (s). **Educação e Realidade**, v. 31, p. 107-126, 2006.

MORAES, Fabiano. **O 'medo' em Chapeuzinho Vermelho (da idade média à modernidade): por uma abordagem discursiva da referenciação com base em Foucault**. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 2010.

PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In: MACHADO, Ana M. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

STAKONSKI, Ana Carolina; SILVA, Ivone Maria Mendes. Pele de asno: do texto ao contexto. **Signótica**, Goiás, v. 32: e620323, 2021/jun. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/62023>

Recebido em 15 de abril de 2021

Aprovado em 15 de agosto de 2021